

## ENTRE O DIALÓGICO E O EMOCIONAL NAS ABORDAGENS EDUCATIVAS SOBRE O USO DO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Francisco José Figueiredo Coelho (1); Priscila Martinhon-Tamiasso (2); Célia Sousa (3)

*Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) – Instituto de Química, UFRJ, e-mail: <sup>1</sup>ensinodeciencias.ead@gmail.com; <sup>2</sup>pris-martinhon@hotmail.com; <sup>3</sup>sousa@iq.ufrj.br.*

**Resumo:** Os jovens tem fácil acesso ao álcool e outras drogas psicoativas. Alguns, sobretudo os mais vulneráveis social e psicologicamente, podem fortalecer seus laços afetivos e desenvolver competências emocionais ao conversarem abertamente sobre o tema. Nessa linha, esse trabalho apresenta resultados obtidos durante a execução do projeto de extensão DROGAS, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EJA (DESEJA-2016): Escola  $\rightleftharpoons$  Sociedade  $\rightleftharpoons$  Universidade, uma parceria entre escolas públicas estaduais e o Departamento de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A proposta extensionista além de atuar na qualificação de agentes multiplicadores de ações inclusivas, promove e media debates democráticos e transversais sobre a temática drogas. O projeto buscou integrar esforços de diferentes áreas do conhecimento em ações envolvendo o eixo temático drogas em uma abordagem ampla e transdisciplinar, centrado no modelo educativo de redução de danos. Tendo por base os resultados dessa ação pedagógica, este trabalho descreve parte das ações educativas realizadas no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, localizada no município de São Gonçalo, RJ. Nessa perspectiva, discute-se a importância das abordagens participativas nas discussões sobre drogas e suas implicações sobre as emoções dos alunos. Em contraposição ao monologismo e às abordagens proibicionistas-punitivas, a análise das interações entre os estudantes revelou um potencial promissor da sala de aula como espaços de autoconhecimento, de conhecimento do próximo e de práticas de reposicionamento social com a escuta das experiências discentes. Dito de outra forma, o projeto oportuniza o desenvolvimento de competências emocionais através do esclarecimento ausente de mitos e preconceitos, o que pode favorecer decisões sadias e seguras em torno do tema.

**Palavras-chave:** Educação sobre drogas, Educação emocional, Redução de danos, Álcool e outras drogas.

**Abstract:** The present work presents results obtained during the execution of the extension project DRUGS, EDUCATION, HEALTH AND EJA (DESEJA-2016): School  $\rightleftharpoons$  Society  $\rightleftharpoons$  University, which besides acting in the qualification of multipliers agents of inclusive actions, promotes and mediates transversal and transdisciplinary debates on the drugs theme. The project sought to integrate efforts from different areas of knowledge into actions involving the thematic axis drugs in a broad and transdisciplinary approach. The project's intervention and research space which began in EJA classes - has now been extended to regular classes. Based on the results of this pedagogical action, we discuss the importance of dialogic approaches in drug discussions, their implications on students' emotions, and we note that classroom discussions can become spaces of self-knowledge, knowledge of others and practices of social repositioning by listening to the other classmate. The creation of these open dialog spaces with the DESEJA project, seemed to provide the opportunity for listening and speaking among participating students and promoted enriching experiences for mediators.

**Keywords:** Drug education, Emotional education, Harm reduction, Alcohol and other drugs.

## INTRODUÇÃO

A importância da afetividade na construção da relação pedagógica e no processo de ensino-aprendizagem já é consenso entre educadores (TEIXEIRA, 2016; ARAÚJO, 2015). Contudo, apesar da compreensão de que ouvir o aluno - e suas experiências - tenha um papel educador, acolhedor e construtivo durante o processo de aprendizagem (SANTOS, 2015; NETO; AQUINO, 2009) nos confrontamos não só com a resistência, mas também com o despreparo docente, no concernente às práticas pedagógicas dialógicas (PIRES *et al.*, 2016; COSTA, 2012).

No âmbito da sala de aula, esse quadro se intensifica sobretudo em se tratando de assuntos mais delicados - como religião, cultura, sexualidade e uso de drogas - e agrava-se pela falta de formação dos profissionais da área de educação, no que tangencia assuntos tabus (ACSELRAD, 2005; PANTOJA, 2013; GUIMARÃES, 2008). Assim, para contextualizarmos essa resistência a temas tabus, é importante pontuarmos as relações de forças existentes entre duas visões, das inúmeras sobre o ensino, que versam sobre aspectos mais amplos da linguagem: a visão dialógica e a monológica (SANTOS; LUNARDELLI, 2010; VIGGIANO; MATTOS, 2009; BRASIL, 2006/ 1998).

Vários fatores se combinam para sustentar essa dicotomia, entre esses as relações de poder, simetria e interação. O termo monológico ou tradicional, como ressalta Vilaça (2004) se apoia na ideia de que o professor é o único possuidor de todo o conhecimento que deverá ser passado, transmitido ou transferido para o aluno. Isto denota uma “unidirecionalidade” (aspas nossos) onde o aluno é visto como ser passivo, e a informação - que flui do professor para o aluno - está centrada no docente. Nesse caso, o discente tem pouca oportunidade de interagir, com poucas oportunidades de contribuir para a construção conjunta do conhecimento.

De forma contrária, na visão dialógica o conhecimento e o significado são construídos socialmente na interação com o outro. Este processo interacional, ocorre através do diálogo entre os agentes sociais. Nessa perspectiva, o diálogo está sempre inserido em um determinado contexto - histórico, social, econômico, político - sendo altamente dinâmico. Conseqüentemente, vemos o dialogismo como uma grande possibilidade de gerar debates que abarquem os sentimentos e emoções dos alunos, permitindo que cada estudante desenvolva sua autonomia e seu senso crítico, aflorando em si a capacidade de se emocionar com as

experiências alheias (SANTOS; LUNARDELLI, 2010; VIGGIANO; MATTOS, 2009; VILARÇA, 2004).

Essa distinção entre o monológico e o dialógico podem nos dar pistas para entender as possíveis resistências na abordagem do tema drogas e intervir de forma mais acolhedora com os jovens. Essas abordagens têm oscilado entre o amedrontamento/proibição, de caráter mais monológico, e as práticas reflexivas pautadas no diálogo aberto acerca do tema com os estudantes, essencialmente mais dialógicas. Essa segunda opção pedagógica tem sido discutida na literatura como modelo educativo alternativo para lidar com o tema nas escolas (COELHO; MONTEIRO, 2017; MOFFAT *et al.*, 2017; ACSELRAD, 2015; SUDBRACK *et al.*, 2015; ADADE; MONTEIRO, 2014; MIDFORD *et al.*, 2012; MONTEIRO *et al.*, 2008). Esse modelo educativo dialógico é conhecido como Redução de Danos (RD), tendo como princípio norteador o respeito à liberdade de escolha e a garantia dos direitos humanos (ADADE, 2012; ACSELRAD, 2005). No âmbito educacional, a RD preconiza uma educação para a autonomia (FREIRE, 1996) cuja abordagem educativa remete para a importância do diálogo e do reconhecimento de diferentes fatores - socioculturais, econômicos, políticos, entre outros - no entendimento do consumo de drogas pelos adolescentes (COELHO *et al.*, 2016).

Partindo dessa premissa, o presente trabalho apresenta resultados obtidos durante a execução do projeto de extensão DROGAS, EDUCAÇÃO, SAÚDE E EJA (DESEJA-2016): Escola  $\Leftrightarrow$  Sociedade  $\Leftrightarrow$  Universidade, que além de atuar na qualificação de agentes multiplicadores de ações inclusivas, promove e media debates transversais e transdisciplinares sobre a temática drogas. Este projeto teve início a partir do trabalho que o Professor Francisco José Figueiredo Coelho (um dos autores desse artigo) tem desenvolvido nos últimos dois anos, no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, localizado no Município de São Gonçalo, RJ, em parceria com o Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA), junto aos discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro atualmente tem se adotado o termo NEJA (Nova Educação de Jovens e Adultos), o que será notado ao longo do artigo.

O projeto buscou integrar esforços de diferentes áreas do conhecimento em ações envolvendo o eixo temático drogas em uma abordagem ampla e transdisciplinar. O espaço de intervenção e investigação do projeto – que teve início em turmas da EJA - atualmente foi estendido para turmas dos cursos regulares, quando há oferta das mesmas.

Tendo por base os resultados dessa ação pedagógica, discutimos a importância das abordagens dialógicas nas discussões sobre drogas e suas implicações sobre as emoções dos

alunos. Nesse contexto, corroborando com a proposta do IV CONEDU, em seu Grupo de trabalho 18 (GT 18), buscamos discutir as implicações desse projeto de extensão na educação emocional dos alunos investigados e seus desdobramentos no cotidiano escolar. Em nosso entendimento, a compreensão dessas relações entre Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares nos debates sobre drogas podem favorecer a saúde e qualidade de vida dos jovens, tornando os adolescentes mais preparados para lidarem com situações de risco e suas vulnerabilidades acerca do uso problemático em torno das drogas.

## **METODOLOGIA**

O Projeto de extensão DESEJA foi desenvolvido no segundo semestre de 2016. Tratou-se de uma reformulação do Projeto E3: Encontro de Experiências com a EJA, desenvolvido em uma escola estadual do município de São Gonçalo, RJ. O DESEJA, como é atualmente conhecido, manteve a proposta original do projeto E3 (COELHO, 2016), preparando alunos do módulo II da Nova Educação de Jovens e adultos (EJA noturno) dessa escola para a construção de espaços de diálogo e aprendizagem com os alunos do 9º ano do ensino fundamental vespertino. Nessa versão do projeto, apenas duas turmas de 9º anos participaram (901 e 902) para que ambos os coordenadores da ação pudessem acompanhar (nas duas salas) o desenrolar das mediações pelos alunos da NEJA. Cabe lembrar que atualmente o projeto DESEJA engloba não apenas a escola original, mas também uma escola estadual do município do Rio de Janeiro.

A dinâmica de formação e orientação dos alunos desse módulo da NEJA seguiu as etapas de formação geral (todos os alunos da turma), formação específica (alunos que se dispuseram a desenvolver a ação pedagógica no horário vespertino) e a etapa de multiplicação (a realização dos debates propriamente ditos). Essas etapas são melhor descritas nos trabalhos de Coelho e colaboradores (2016).

Cabe lembrar que nesse trabalho descreveremos os resultados da ação pedagógica desenvolvida com a turma 902, turma na qual percebemos que os aspectos afetivos e emocionais em torno do tema drogas se revelaram mais aguçados, devido a experiências e vivências de alguns jovens com alcoolismo e violência no lar. Os multiplicadores da NEJA que ficaram responsáveis pelos debates nessa turma, optaram por iniciar os debates num papo aberto, indagando os alunos sobre suas experiências em torno de casos de uso de drogas na comunidade onde viviam. Os debates levaram em torno de 2 horas. Iniciaram com perguntas mais genéricas aos estudantes - por exemplo, se conheciam o conceito de lícito e ilícito - e migraram para discussões mais específicas - por exemplo, se havia alunos que já haviam

experimentado bebidas alcoólicas em alguma ocasião e se já haviam passado em casa por alguma experiência com o alcoolismo. Por meio de placas verdes (sim) e vermelhas (não), os mais tímidos puderam se manifestar com mais conforto inicialmente. Com esta estratégia, os alunos foram aos poucos trazendo suas experiências. Após cerca de 30 minutos de debates, muitos já se manifestavam sem o levantamento das placas, estando confortáveis para opinarem e manifestarem suas experiências e pensamentos em torno do assunto drogas. Para apresentação dos mediadores e realização dos debates a turma 902 foi posicionada em um amplo círculo, onde todos pudessem se observar e ouvir as diferentes falas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Inicialmente os multiplicadores da EJA se sentiram um pouco acanhados para começar a apresentação e os debates. A maioria deles não possuía experiência com liderança de grupos de adolescentes. Curiosamente, contudo, esses mediadores tiveram um desempenho muito bom, partindo das orientações de acolhimento dadas pelos coordenadores. Uma dessas ações de acolhimento envolvia dialogarem o máximo possível sobre assuntos diversos antes de penetrar no seio do tema drogas. Com menos de 30 minutos de interação com os alunos do nono ano, os multiplicadores estavam confortáveis o suficiente, a ponto de inclusive chamarem os alunos pelo nome e trocar sorrisos e piadas e isso permitiu que os alunos da turma 902 se sentissem mais confiantes para colocar seus anseios e dúvidas. Nessa turma em particular, os alunos se sentiram mais entusiasmados para falar de suas experiências em torno do assunto e casos de alcoolismo nas famílias, o que gerou debates de cunho mais socioafetivo e emotivo. Esse assunto sempre retornava às discussões, mesmo que outras questões fossem feitas ao longo dos debates.

Sobretudo nas discussões que envolviam o uso recreativo e abusivo do álcool, a turma 902 se revelou receptiva aos depoimentos dos colegas e a maioria já havia vivenciado casos de abuso do álcool na família. Dois casos relatados envolviam violência doméstica e casos de vulnerabilidade emocional dos jovens. Em um deles, uma das alunas que deu o depoimento saiu da sala aos prantos e foi confortada por um dos coordenadores do projeto numa sala isolada. Embora um pouco emocionada, a aluna se reestruturou e optou por retornar para a sala para seguir e acompanhar as discussões. Segundo a descrição dessa aluna, sua mãe sofria violência doméstica pelo seu pai quando o mesmo estava embriagado. Em um desses episódios, houve um acidente bastante grave que quase culminou com o homicídio de sua mãe.

Embora não tivessem a prática de falar sobre o assunto, sobretudo do alcoolismo, de forma geral os alunos da 902 não revelaram dificuldades em falar sobre o tema e suas experiências. Se mostraram receptivos ao tema e deixaram claro a falta de espaços em casa e outros ambientes para falarem sobre ele. Essas discussões, sobretudo as que relacionam as experiências emocionais desses jovens, nos dão pistas de como as discussões em sala de aula podem se tornar espaços de autoconhecimento, de conhecimento do próximo e de práticas de reposicionamento social com a escuta do outro colega de classe. Os estudantes podem se sentir angustiados e a sala de aula pode se tornar um espaço de conversa, sem mitos e julgamentos. A criação desses espaços dialógicos abertos com o projeto DESEJA, pareceu oportunizar o exercício da escuta e da fala entre os alunos participantes e promoveu experiências enriquecedoras para os mediadores. Segundo os mediadores da 902, eles não imaginavam que as experiências desses estudantes do fundamental tinham tantas coisas em comum com suas vidas. A percepção dessa prática nos sugere que jovens em situação de vulnerabilidade podem desenvolver e fortalecer o desenvolvimento da educação emocional desses adolescentes e o fortalecimento desse sujeito para futuros enfrentamentos em relação ao uso problemático de entorpecentes lícitos ou ilícitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Projeto DESEJA se coloca como uma aposta pedagógica de prevenção do uso abusivo de drogas entre estudantes, sendo uma ação educativa que promove o diálogo entre estudantes não apenas de uma turma específica, mas de grupos sociais e etários distintos da mesma escola. Oferecer aos alunos da EJA a posição de multiplicadores de debates sobre drogas favorece uma educação emocional sobre drogas bilateral, porque oferece a vivência de liderança e mediação para esses jovens adultos em fase de escolarização e oportuniza que os jovens do 9º ano (alguns com experiências recreativas ou problemática com drogas) possam ouvir os demais colegas, sem o famigerado viés proibicionista-punitivo de prejudicar o que o outro pensa em relação aos entorpecentes, caso não seja o padrão socialmente aceito. Assim, esses debates podem colocar não as drogas, mas sim os sujeitos como centro do processo. Pode incitar a construção do conhecimento sobre drogas como algo humano e necessário à convivência social mais pacífica, de forma mais democrática, um dos cerne da abordagem preventiva sobre drogas pautado na Redução de danos.

Debates que se abrem ao exercício da escuta dos depoimentos desses jovens tornam o espaço da sala de aula mais humano, acolhedor e preocupado com a vivência desses estudantes. Observar a experiência que os demais colegas ou mediadores possuem resgata a

dimensão emocional das discussões sobre drogas e aproximam os jovens. Eles podem perceber que tem mais em comum do que pensam. Espaços que oferecem discussões sobre o uso recreativo e abusivo do álcool, a dependência do etanol e a violência doméstica fortalecem os alunos para que sejam sensíveis com os outros usuários de álcool e outras drogas e promove uma educação emocional com calos afetivos que os fortalecem nas futuras decisões em suas vidas. Decisões democráticas que não deixam de considerar a emoção e o bom senso nas escolhas futuras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACSELRAD, G. **A educação para a autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas**. In: ACSELRAD, G. (Org.). *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 183-212.

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**. v. 40, n. 1, p. 215-230, 2014.

ARAÚJO, M. M. **Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, v. 8, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. **Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas**, 2006.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. **Revista Científica em Educação a Distância**. v. 7, n. 2, p. 194-204, 2017.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON-TAMIASSO, P.; PORTO, P. **Memórias sobre uso e abuso de drogas: abrindo espaços de diálogo e aprendizagem na NEJA e pensando novas formas de abordagem do tema no ensino noturno**. 2016. TCC (especialização) – NUEC, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

COSTA, G. M. B. **Crise de identidade docente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Lisboa, 2012.

DOS SANTOS, D. S. **A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, diálogos a partir de Henry Wallon**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia), Faculdades EST: São Leopoldo, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, J. O. **Eles não estão nem aí!**: impactos da contemporaneidade sobre o ato de educar. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora.

MIDFORD, R.; CAHILL, H.; RAMSDEN, R.; DAVENPORT, G.; VENNING, L.; LESTER, L.; MURPHY, B.; POSE, M. Alcohol prevention: What can be expected of harm reduction focused drug education programme? **Drugs: Education, Prevention and Policy**. v. 19, n. 2, p. 102-110, 2012.

MOFFAT, B.; HAINES-SAAH, R. J.; JOHSON, J. L. From didactic to dialogue: Assessing the use of an innovative classroom resource to support decision-making about cannabis use. **Drugs: Education, Prevention and Policy**. v. 24, n. 1, p. 85–95, 2017.

MONTEIRO, S.; REBELLO, S.; BRANCO, C. C.; CRUZ, M. **Educação, Drogas e Saúde: Uma experiência com educadores de programas sociais (RJ, Brasil)**. Rio de Janeiro: ZIT, 2008. 80p.

NETO, A. L. G. C.; AQUINO, J. L. F. A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica? **Educação em Revista**. v. 25, n. 02. p. 223-240, 2009.

PANTOJA, F. C. **A educação sexual no Amapá: experiências e desafios docentes**. 2013. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2013.

PIRES, R. G. H.; MONTEIRO, R. R. M.; RIBEIRO, R. R. P. C. Práticas pedagógicas dialógicas: reflexões para uma prática transformadora. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, VIII., 2016, Imperatriz-MA. **Anais...** Imperatriz: UFMA, 2016.

SANTOS, R. F.; LUNARDELLI, M. G. A visão dialógica do discurso. In: SEMINÁRIO NACIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, II., 2010, Cascavel-PR. **Anais...** Cascavel, 2010.

SUDBRACK, M. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SEIDL, E. M. F.; GUSSI, M. A. **A escola em rede para prevenção do uso de drogas no território educativo: Experiência e pesquisa no PRODEQUI/PCL/IP/UnB nos dez anos de formação de educadores de escolas públicas para prevenção do uso de drogas (2004-2014)**. Campinas: Armazém do Ipê, 2015.

TEIXEIRA, M. C. R. **A Importância da afetividade na construção da relação pedagógica e no processo de ensino-aprendizagem**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico), Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, 2016.

VIGGIANO, E.; MATTOS, C. Quais são as visões existentes sobre ensinar e aprender? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, VII., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2009.

VILAÇA, M. L. C. O poder do professor como elemento de desconstrução do conhecimento. In: MONTEIRO, M. J. P.; BARBOSA, H. G (Orgs.) Caderno de letras 21. **Interação e Mídia em sala de aula**. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.